

FAB acha crânios no rastro da expedição

TRIBUNA DA IMPRENSA



ÁLVARO, O MATEIRO

MANAUS (De Domingos Sávio, exclusivo para a ASAPRESS) — O caçador Waldemar Ferreira Nobre, primeiro civilizado que encontrou o mateiro Álvaro Paulo da Silva na sua desida pelo Rio Abonari — de coberto em Manaus pelo correspondente da Asapress — fez importantes revelações que modifica completamente o roteiro teórico sobre a expedição do Padre Calleri.

CACADOR

“Eu andava a 7 dias, a cascata pela região Abonari, com o meu companheiro João Sales”, contou Waldemar. “No dia 22 de outubro, ao passar pelo lugar chamado Fecho, soubemos da expedição do Padre Calleri. Na madrugada do dia 3 para 4 de novembro chegamos à maloca queimada. Ali não havia vestígio algum de civilizados passados recentemente. Também não se viu nenhuma morta por parte, nem tampouco vi indio-

por ali. No dia 4 mesmo, duas horas abaixo da Maloca Queimada, encontramos dois homens que se diziam fiscais de Caça e Pesca.

Estavam na beira preparando comida e diziam que existiam outros com eles. Continuamos na baixada do Abonari.

Dia 9, estávamos parados, eu e João, à boca de um igarapé, numa pequena ilha que não sei o nome. Estavamo pescando. De repente avistamos uma canoa desce do Rio. Nela, dois homens. Um deles era o fiscal de caça e pesca, o outro Paulo mineiro, o mateiro da expedição do padre Calleri. João, cumprimentou o mateiro e perguntou:

“Como vão as coisas lá com os indios?”. Paulo respondeu que tudo ia bem mas demonstrou estar desconfiado porque o padre era muito severo com os indios. Contou, ainda, o mateiro que estava baixando o rio por ordem do padre para colocar uma gran-

de placa, na cachoeira do Miritino rio Atumá — problema que civilizados o subissem para não atrapalhar sua missão oficial em nome da Fundação Nacional do Índio. Segundo o comunicado que acusou o encontro dos despojos, os crânios, bem como sete corpos em adiantado estado de putrefação foram enviados para a base avançada da FAB, na Cidade de Moura, para efeito de identificação. Consta no comunicado que dois dos corpos parecem ser de mulheres, não obstante estarem irreconhecíveis.

DOIS CONTATOS

Dias depois Paulo mineiro subiu o rio com mais quinze homens, em dois motores de popa. Tomavam parte numa expedição de dois geólogos que estudam mineração do solo e aproveitavam para apurar o restante do material da TRANSCON havia deixado havia deixado em seu antigo acampamento no Rio Abonari. Paulo ia voltar para a expedição.

Já no dia 19 — prossegue o caçador Waldemar — estava eu na casa do Sr. Alfredo

ENCOTROU BAGAGEM

O repórter Domingos Sávio da Agência Asapress, que está presente nas buscas, trouxe de Itacoatiara para esta capital, a bagagem do mateiro Álvaro Paulo e as entregou às autoridades do PARASAR. O mateiro tinha marcas aparentemente causadas por fumaça. No entanto um exame mais apurado indica tratar-se de tinta vermelha, usada para marcar malas.

Numa das malas, com objetos pessoais do mateiro, as autoridades encontraram um bilhete que está sendo estudado com carinho, pois parece mais tratar-se de uma mensagem, devido a estar datilografado e falar em mercadorias a um portador de nome Charles Barroso, personagem completamente identificado pelas autoridades que estão investigando o misterioso desaparecimento da expedição Calleri.

Pretendem também os homens da PARASAR, ouvir os engenheiros do Ministério de Minas e Energia, Oton e Gilberto que estão no Amazonas, realizando trabalhos de pesquisas para saber deles se a tal bagagem foi apreendida no acampamento de uma firma especializada em pesquisas (a TRANSCON) ou se ele Álvaro já a tinha antes, consigo.

Como os homens da FAB acreditam que, pelo menos parte da expedição está viva, possivelmente aprisionada ou de fato perdida utilizavam os aviões Buffalo e helicópteros a jato para atirar presentes aos índios da região — Atroaris e Walmiris, constantes de espelhos, biscoitos e serras, bem como folhetos contendo instruções para os possíveis sobreviventes, de como se comunicar, através de sinais em localidade pré-estabelecida.

Não está afastada, também, as possibilidades da expedição encontrar-se em ponto bem mais avançado do local onde se desenvolvem as observações pelos aparelhos do PARASAR.

Enquanto isto o mateiro Álvaro Paulo, autor de uma história, já considerada fantasiosa pelas autoridades militares e policiais, da cidade de Moura, continua retido pelos oficiais da FAB que tencionam utilizá-lo numa série de operações.

Paralelamente realiza-se investigações sobre a sua vida pregressa e suas ligações pelo interior amazonense. Correspondência particular entre ele e sua mulher, da qual estava separado, tratando de reconciliação, revelam que Álvaro já trabalhou há tempos na região de Alalau, local onde se dera o suposto exterminio ou desaparecimento da caravana.

Cacador conta história e lança confusão

notou muita coisa dentro dela, se não ser uma espingarda calibre 12, que Paulo segurava de lado e alguma coisa não muito grande coberta por um lençol. Com essa declaração fica esclarecido que o material constante da bagagem do mateiro — que a reportagem entregou às autoridades FAB — encontrada em Itacoatiara, a bordo do barco “Alfredo”, deve ter sido apreendido no acampamento da TRANSCON e não pertencente ao portador, à expedição do padre Calleri.

O fiscal de Caça e Pesca, que conduzia Álvaro Paulo na canoa, disse que o encontrara quando jogava numa baixa de pingueira. O mateiro pediu-lhe que o trouxesse até a Ilha de Pau Rosa, onde ele tinha um barco a motor para voltar à Maloca Queimada. Waldemar se julga capaz de reconhecer o elemento que se identificou como fiscal de Caça e Pesca.